

Informática reduz desperdícios

por Luiza Pastor
de Brasília

As estatísticas trimestrais da Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) revelam um curioso comportamento das indústrias do setor de informática instaladas na capital federal: apesar de a margem de lucro das empresas estar em queda há praticamente um ano e de seus níveis de produção, vendas e estoques não se terem alterado sensivelmente nesse período, a liquidez do setor tem registrado alta desde abril passado — a única, por sinal, entre os doze setores pesquisados pela Fibra.

O próprio presidente do Sindicato das Indústrias de Informática do Distrito Federal (Sinfor), José Castilho, admite não ter certeza das razões concretas desse comportamento do setor. O máximo que ele arrisca explicar é de que as empresas estão "exercendo um controle extremamente rígido de suas contas, investindo

no aprimoramento dos recursos humanos e, principalmente, dedicando-se a eliminar os desperdícios, com o máximo de produtividade e jogo de cintura".

"Os índices de desperdício, no final do ano passado, chegavam à casa dos 20%, um verdadeiro absurdo, e já imaginávamos que, neste ano, muitas empresas iriam à falência", aponta Castilho. Só que as falências não vieram, "pelo contrário, o que vimos com satisfação foram os índices despencarem de 20 para 5% atualmente, com o aumento de produtividade garantindo a sobrevivência do setor". A meta para os desperdícios, segundo o presidente do Sinfor, é de 1%, "que é o máximo que podemos admitir, e já é muito".

O Sinfor estima em aproximadamente cem o total de empresas hoje instaladas em Brasília que atuam nas diferentes áreas da informática. Desse total, 48% são consideradas microempresas pela definição do

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que considera o faturamento anual; pelos parâmetros do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa (Sebrae), que avalia o número de funcionários contratados, esse percentual sobe para 60%. A meta de faturamento previsto para este ano, segundo Castilho, era de US\$ 80 milhões. "Mas pode ser que não cheguemos a isso, pois o primeiro semestre fechou com US\$ 30 milhões", ressalva.

A meta de um ano de crise, segundo o presidente do Sinfor, fica quase na metade do potencial total estimado para o setor, o que, "em condições ideais, poderia ir facilmente para US\$ 150 milhões anuais". A principal vantagem da informática, explica, é a sua diversificação: "Não se trata de um segmento uniforme, há a automação comercial, de serviços, as telecomunicações, software etc., e isso é muito saudável, porque as empresas se

complementam entre si e são comuns os negócios entre elas, o que agiliza muito o processo de desenvolvimento e organização do setor".

Esse espírito de integração do setor também se reflete no projeto do Pólo de Tecnologia e Gemologia Bernardo Sayão, que espera há anos para sair do papel e tornar-se uma realidade. Nele, pretende-se que sejam instaladas as principais indústrias de tecnologia de ponta do Distrito Federal, com destaque para as de informática e de gemologia.

A história do Pólo Bernardo Sayão vem se desenrolando há anos e é tão cheia de tropeços e contramarchas que é difícil acreditar no otimismo de Castilho, para quem, "dessa vez, parece que vai". Primeiro, ainda durante a gestão do ex-governador José Aparecido, havia ficado definido que o pólo estaria situado em outro lugar, chamado de Água Mineral, na região norte do Distrito Federal. A absoluta falta de infraestrutura básica na região acabou forçando o governo distrital a abandonar o projeto, retomado pelo governador Joaquim Roriz no ano passado, já no endereço atual, próximo à cidade satélite de Núcleo Bandeirante, primeiro núcleo urbano do Distrito. A extensão da infraestrutura já existente ali, segundo os técnicos de Roriz, facilitaria a implantação definitiva do pólo, barateando seus custos e, conseqüentemente, os custos dos terrenos — grande problema de toda a região, rigidamente zoneada. Só que nada seria assim tão simples no Pólo Bernardo Sayão — batizado em homenagem a um dos empresários pioneiros da implantação de Brasília. De um lado, os interessados reclamavam que a infraestrutura demorava a chegar à área, ao que o governo respondia que luz, água, esgotos e telefonia chegariam junto com as empresas. As regras de ocupação e financiamento dos terrenos e instalações também foram alteradas, a última vez há seis meses. E só recentemente, nas últimas semanas, as primeiras empresas puderam assinar seus contratos junto à

Terracap, dona de todos os terrenos de Brasília, a fim de começarem suas obras.

As perspectivas de implantação definitiva do pólo, somadas ao que Castilho define como "o redesenho da situação do setor", que aumentou a capacidade instalada com a troca de equipamentos e o enxugamento de quadros e de custos, são das mais favoráveis na opinião do sindicato. "Adaptado à nova realidade e escalado pelos custos dos excessos administrativos do primeiro momento, o setor começa a mostrar indicadores favoráveis para o período 1992/93, quando esperamos registrar um aumento no movimento de vendas de 5 a 10%", analisa Castilho.

Dentro desse quadro, ele detecta o grande potencial de mercado para novas empresas, especialmente em razão da crescente terciarização do setor. "Empresas que nasceram grandes, com funcionários para fazerem tudo, hoje se viram forçadas a enxugar seus quadros e perceberam que é mais vantajoso contratar outras empresas especializadas, em um grande processo de desverticalização que abre mercado nas áreas tanto de fornecimento de serviços como de materiais e equipamentos", explica.

O trabalho de identificação de possibilidades, soluções e desenvolvimento de inovações tecnológicas, segundo Castilho, tem até um centro altamente avançado, constituído em 44% de sua participação pela Universidade de Brasília e em 56% por quarenta empresas de ponta do setor no Distrito Federal. Trata-se da empresa Brasília Informática e Tecnologia S.A. (Braintec), "criada não para ser concorrente, mas para pensar mais alto que as empresas nas possibilidades em que se pode aplicar o conhecimento científico e comercial acumulado por ambas as partes e garantir que as inovações tecnológicas cheguem logo ao mercado, em uma iniciativa pioneira no Brasil e que deve consolidar o papel de Brasília como maior pólo de informática para o Centro-Oeste, o Norte e o Nordeste, um mercado enorme", define Castilho.